

## SABERES DOS CORPOS ALIMENTADOS: ENSAIO DE GEOGRAFIA HEDONISTA

*Knowledge of Bodies Fed: Essay of Hedonist Geography*

Eduardo Marandola Jr.<sup>1</sup>

### RESUMO

Na senda de uma geografia hedonista, que problematize as questões acerca do conhecimento, este ensaio reflete um caminho para pensar o gosto e o sabor enquanto experiência hedonista da paisagem. Este é centrado no corpo-homem, um corpo vivo que sente a paisagem, em amplo aspecto, enquanto conhecimento experiencial hedonista.

**Palavras-chave:** Experiência geográfica. Paisagem. Corpo. Gosto.

### ABSTRACT

Toward a hedonist geography, that problematizes questions on knowledge, this essay reflects a way of thinking taste and flavor while hedonist experience of landscape. This is the body-man, a live body that allows to feel the landscape in large aspect, while hedonist experiential knowledge.

**Key-words:** Geographical experience. Landscape. Body. Taste.

<sup>1</sup> Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), campus de Limeira. [eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br).

✉ Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Caixa Postal 1068. 13484-350. Limeira, SP.



Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

*"Prazer com uma coisa', é o que se diz:  
mas na verdade é o prazer consigo mesmo mediante  
uma coisa."*

Friederich Nietzsche

## SENTIR E QUERER: PRAZER GEOGRÁFICO

Este texto é um ensaio de geografia hedonista por buscar refletir sobre os nexos entre alimentação, corpo e cultura, na esteira de uma geografia experiencial que conceba o sabor<sup>2</sup> como órgão de sentido e conhecimento (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2010), a partir do amálgama corporal sustentado por uma ontologia fenomenológica. Isso significa negar a separação razão-volição, mente-corpo, buscando uma existência fáctica, mundana, na qual o corpo é o próprio homem, para além de um substrato, ou mediador entre mente e mundo (MERLEAU-PONTY, 1971).

O grande objetivo deste esforço é enlevar a natureza integrada e completa da experiência geográfica de mundo, aquilo que a filosofia heideggeriana chama de ser-no-mundo (HEIDEGGER, 2012). Esta

<sup>2</sup> Paladar, sabor e gosto precisam ser compreendidos de forma próxima, intercambiáveis até certo ponto, pois são indissociáveis, mas é necessário distingui-los também. Paladar se refere ao órgão de sentido, à dimensão propriamente palativa e gustativa do corpo. O sabor se refere às propriedades que o paladar é capaz de distinguir: os clássicos doce, amargo, salgado e ácido. O gosto mantém relação com ambos, mas carrega também o sentido estético da construção social e da cultura. O gosto, por manter a conexão tanto com os aspectos físicos (as células gustativas) quanto com o sentido e o contexto do sabor e suas dimensões estéticas, costuma ser preferido para referir-se ao paladar como sentido. Mas como o sabor também guarda estes sentidos, pela sua proximidade com a ideia de saber e sapiência (conhecimento), utilizo os dois termos de forma bastante aproximada neste texto, optando por um ou outro dependendo da capacidade de fornecer maior precisão ao sentido específico em cada momento. Para detalhes da etimologia das palavras e uma discussão sobre estas definições e aproximações, ver Marandola Jr. (2012).

experiência é, sobretudo e originariamente, corporal, mas a história ocidental do corpo é entremeada de concepções que desprezam alguns dos sentidos em favor de outros, valorizando a visão e a razão, por exemplo, em detrimento do gosto e da volição (RENTERÍA, 2007). O prazer e o desejo são menos valorizados ainda, considerados moralmente impuros, extirpados como parte da natureza humana, ou considerados parte da condição humana que deveria ser controlada. O resultado é um corpo fragmentado, mutilado e, como ele, nossa visão de homem e do mundo.

Poucos pensadores enfrentaram o desafio de pensar a condição humana como composta por desejos e vontades tanto quanto por razão e racionalidade quanto Friederich Nietzsche. Ele reconhece o quanto a razão pode embotar os sentidos, tornando turva a concepção da natureza e do próprio homem (NIETZSCHE, 2005). Crítico das preconceções e arguto sinalizador das armadilhas da linguagem e da razão, Nietzsche (2012) abre uma senda para se pensar para além das categorias virtuosas estabelecidas pelo pensamento ocidental. No nosso caso, a matriz aristotélica que consagrou ao gosto e aos desejos corporais um lugar menor, ou a impossibilidade do conhecimento (ARISTOTELES, 2001).

Seguindo sua trilha, portanto, é possível pensar num corpo-homem como realidade imediata: nem antes nem depois do homem, mas o próprio tornado possível pela possibilidade que se abre (FOGEL, 2011). Neste sentido, o homem, que é vida e liberdade, não o é porque **tem** um corpo, mas o é **como** corpo. Ou seja, se refere à forma própria de ser-e-estar-no-mundo.

Formulação semelhante realizou Merleau-Ponty ao centralizar a existência e o ser-no-mundo no corpo, primeiro em sua fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY, 1971), na qual o corpo é o centro da experiência e da intencionalidade, em presença imediata no mundo.

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

Posteriormente, desdobrou suas reflexões, concebendo uma ontologia do sensível, assumindo um corpo vivificado, carne que é, aberto e lançado para o mundo, enquanto ação viva e vivificante (MERLEAU-PONTY, 2007).

Se recorrermos ao clássico “A fisiologia do gosto”, publicado em 1825 por Jean Anthelme Brillant-Savarin, que inaugura a reflexão fisiológica e filosófica sobre a gastronomia (ou seja, a alimentação como sentido), encontraremos lá também esta necessidade de ampliar a compreensão dos sentidos e do corpo, para conceber as múltiplas dimensões do gosto. No que se refere aos cinco sentidos, por exemplo, Brillant-Savarin (1995) os encara como limitados, e por isso acrescenta um sexto, o genésico, que se refere aos órgãos sexuais, apontando para a conexão entre nossos sentidos e a natureza sinestésica de nossa experiência sensorial. Mais do que isso, Onfray (1999) afirma que Brillant-Savarin percebe, antes de Shoppenhouer (e a força do querer), Nietzsche (a vontade de poder) e Freud (a potência da libido) que há outras forças que movem os homens para além da razão, e que estas estão manifestas no corpo, e não para além dele.

Os apetites movem, portanto, nossos vários sentidos, e estes sempre implicam uma intencionalidade para com o mundo, uma ânsia (e angústia) de preenchimento. Alimentar-se é a busca por esta manutenção, este preenchimento. Mas, longe de ser meramente uma função fisiológica, é cultural e existencial ao mesmo tempo.

Mas, e a geografia?

Em 2012 publiquei o artigo “Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista”, provocado pelo Seminário Sabores Geográficos, realizado em 2011, na UNESP de Rio Claro. Para desenvolver meu argumento, passei pelos sentidos e busquei uma epistemologia fenomenológica que nos permitisse conceber o gosto (sabor) como órgão de conhecimento. Neste caminho, a conclusão era

a de que o gosto, tanto quanto os demais sentidos, não apenas mediam nossa experiência com o mundo, mas, em última análise, permitem que sejamos nossos lugares, na medida que nos tornamos eles, não apenas simbolicamente, mas também materialmente, sendo o **gosto** o principal e mais completo sentido a expressar esta relação visceral de transubstanciação. Essa seria uma **geografia hedonista**, que não exclui o prazer, mas o inclui como órgão de sentido e conhecimento; um **conhecimento experiencial hedonista**, tanto quanto intuitivo, volitivo, racional, intencional, etc. (MARANDOLA JR., 2012).

Este texto pretende ser um passo atrás em relação àquele. Na verdade, este visa focar a reflexão sobre uma epistemologia que permita o estudo do sabor e do gosto enquanto sentido, focalizando o tema na exploração filosófica do corpo, aprofundando esta questão em relação àquilo que iniciei.

E para me ajudar nesta exploração, fui buscar apoio na filosofia desviante de Michel Serres e sua “filosofia dos corpos misturados”, subtítulo de seu livro “Os cinco sentidos”, original de 1985.

A intenção ao trazer Serres é aprofundar a reflexão sobre os sentidos, pautando sua crítica à linguagem e à subjetivação excessiva da experiência. Com ele, espero incluir questões para pensar a potencialidade dos sentidos, da intuição e do prazer, para o conhecimento, mesmo que distanciados da linguagem sistematizadora do pensamento racional.

Este texto é um convite a que pensemos, ou que atentemos a um mundo pré-predicativo: um mundo sentido, intuído, em que nossos corpos sejam os comunicantes com o mundo, e não a mente cognoscente que estabeleça os nexos, e os sentidos.

Tarefa quase impossível, talvez, pela natureza logocêntrica de nossa subjetividade, de nossa sociedade, de nossa maneira própria de perceber o mundo no ocidente. Mas proponho que coloquemos

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

isso entre parênteses. Tentemos abrir espaço para outros sentidos em nossa percepção.

O texto está organizado em três tópicos, curtos, nos quais busco elementos na filosofia de Serres para pensar a experiência geográfica hedonista, na qual o gosto está implicado.

- O corpo: a mistura
- O gosto: saberes misturados
- A geografia: experiência hedonista da paisagem.

### O CORPO: A MISTURA

Alimentar-se. Alimentação. Alimentamos o que? Quem é alimentado, quem alimenta? E o que resulta deste alimentar-se?

Para pensar sentidos, a experiência e o mundo, o corpo é chave. Por que? Porque nele somos, porque somos ele, porque é por sua forma, seus deslocamentos, sua constituição, suas reentrâncias e cavidades que o eu se constitui. O eu constitui o corpo, assim como o corpo constitui o eu.

Alimentar-se, portanto, é alimentar o corpo, do ponto de vista físico e sensorio. O corpo precisa estar exposto, precisa deslocar-se para poder delinear-se, e precisa, obviamente, de nutrição. Nutrirmos o corpo não apenas fisicamente, por microrganismos, mas o nutrirmos também enquanto o percebemos enquanto nós mesmos, em suas derivações, ampliações e limites.

Para Serres, o corpo é tão importante não apenas como mediador, tal como o temos, mediador entre razão e os sentidos sensoriais. Serres vai além, propondo um corpo não pronto, não definido, onde as experiências têm sentido, dotando-o de densidade.

Ao contrário, Serres nos apresenta um corpo sensível que não é apenas um receptor passivo, o corpo é atuante, mesclado, tatuado, tangível. E é nessa tangibilidade do corpo que Serres

nos propõe compreender suas metamorfoses. Assim, o corpo como personagem conceitual não está dado, não pode ser desvendado, estudado, descoberto, ele apenas pode ser seguido na medida em que são construídas as relações que lhe dão sentido. Dessa forma, não há “um corpo” que possa ser descrito, mas experiências corporais que podem ser compartilhadas. (MONTEIRO, 2011, p. 190)

Este corpo aberto é vivido como **mistura**: mistura entre alma e corpo, entre aquilo que está dentro e aquilo que está fora. Ele não é continente nem contingente, ele é **passagem**. Para Serres, os sentidos são os caminhos desta experiência que se faz como passagem entre o dentro e o fora, interioridade e exterioridade que são vividas como uma coisa só, integral, indissolúvel, no corpo. **Corpo aberto**.

O corpo é a unidade que permite a experiência completa, indivisível da mistura elementar que os sentidos nos proporcionam, anterior à abstração. Serres (2001, p. 186) ataca a linguagem, que para ele é racionalização: o logos exprimiria mal a atenção dada aos sentidos: é sempre uma formulação insuficiente, risível, abstrata e teórica. “Não há nada nos sentidos que não vá, portanto, para a cultura. Não para conhecimento, mas para cultura. Não para o discurso, mas para o que?” (SERRES, 2001, p.186)

O ataque à linguagem continua, afirmando que o entendimento e a abstração despedaçam, pela análise, o que os sentidos o fazem em uníssono. Serres defenderá, portanto:

Muitas filosofias referem-se à vista: poucas ao ouvido; menos crédito ainda dão ao tato e ao odor. A abstração recorta o corpo que sente, suprime o gosto, o olfato, o tato, conserva apenas a vista e o ouvido, intuição e entendimento. Abstrair significa menos sair do corpo do que o partir de pedaços: análise. (SERRES, 2001, p. 20-1)

Esta crítica é derivada das observações de Nietzsche (2012), para quem a linguagem, especialmente ligada ao pensamento racional

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

(filosófico e científico) teria criado o mundo, e suas mazelas: um mundo só existente na e pela linguagem, completamente dissociado da natureza do mundo. As verdades e o conhecimento a ela associadas estariam fundados na “crença na verdade encontrada”, criada pela própria linguagem e no seu uso enquanto verdade.

Serres reafirma o ponto de vista segundo o qual nosso

[...] conhecimento do mundo vem de nosso corpo, de nossa carne. Mesmo que os sistemas de registros da civilização, como as taboas de cera, os pergaminhos e a imprensa, nos tivessem feito esquecer da prioridade do corpo, ele afirma a cada vez sua posição primeira e determinante. Ele é o primeiro suporte da memória e da transmissão, nada no entendimento deixa de passar antes pelos sentidos, ele foi nosso primeiro cogito. Eu sinto, vejo, saboreio, ouço, cheiro, toco, diz Serres, e daí eu falo. (MARCONDES FILHO, 2005, p. 10)

Degustar ou saborear, para Serres, portanto, é um ato de experiência do mundo, nem intuitivo, nem cognitivo: degustar é, na mistura corporal dos sentidos, a troca, a comunicação, as relações que estabelecemos com os outros e com o mundo, sem distinção. Para ele, a comunicação não é linguagem, ou palavra: ela é o encontro de corpos misturados. E onde ocorre tal encontro: no **espaço cotidiano** (SERRES, 2001, p. 20).

Este espaço cotidiano é o lugar: a possibilidade da coexistência corriqueira como circunstância, espacial e temporal. Para Serres (2001, p. 22) “Cada lugar singular, mesmo banal, forma então uma mistura original”. Este lugar é o meio, o onde a mistura, essencial, acontece: “O corpo puro é mais que improvável, corpo negro ou alma cândida.” Somos justamente esta mistura, e os sentidos, longe de operarem como filtros separados ou separadores, são aberturas para a mesma consubstanciação: **dentro, fora e entre**.

O pensamento espacial de Serres permite vislumbrar o corpo no lugar, mas também o corpo como lugar: mistura do eu com o espaço, transmuta o lugar no corpo e o corpo no lugar, de forma sinestésica e hedonista.

### O GOSTO: SABERES MISTURADOS

Dos cinco sentidos, o gosto é o mais oprimido pela linguagem. Segundo Serres (2011, p. 154), o gosto disputa a boca, a mesma boca da linguagem, e por isso fica constantemente anestesiado pela linguagem.

O gosto, oprimido, demasiado próximo localmente, da linguagem, demasiado gêmeo ou concorrente, só se manifesta raramente, expressa-se em geral numa língua que se presta ao riso, cuja boca ri, como se a linguagem por sua vez não lhe deixasse a palavra. Uma boca expulsa a outra, a do discurso exclui a do gosto, expulsa-a do discurso. (SERRES, 2001, p. 154)

Para Serres, o saber do gosto advém da degustação, não do ingerir. E para degustar é preciso saber, e isso só é possível se a segunda língua não é silenciada pela primeira. A língua é, para ele, bífida: a primeira língua, da linguagem, tenta anestésiar a segunda língua, a do gosto, em uma operação de afastamento das possibilidades plenas do saber. O homem saboreia, não come depressa; desfruta os odores: “o paladar institui a sapiência” (SERRES, 2011, p. 155). **Beber e comer são ações animal: mas é o saborear que acessa o gosto, repleto de saberes, da sapiência.**

O *Homo sapiens*, segundo Serres (2001, p. 155), reage à sapidez, ou seja, “quem dá importância ao sentido do gosto, bicho de sabor, antes de significar homem falante. [...] a sabedoria vem depois do sabor, ela não pode advir sem ele, mas o esquece.”

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

Serres (2011, p.164) pergunta: “Como podemos saborear uma pêra que passa pela língua tagarela e não pela boca sapiente?” Simplesmente não podemos.

Este saber do gosto é diferenciador, como o olfato, ao contrário da vista e da audição, que são integradores. O alimento pode ser armazenado, mas o gosto é apreciado no instante; é passageiro, passa pelo corpo. A permanência é um saber constitutivo, movente, dinâmico. O gosto apresenta um mapa de sentidos e saberes.

Mas esta constituição se dá por aquilo que o gosto traz como viagem, como saberes de lugares distantes, como **constituição em viagem**. Serres (2001, p. 165) afirma: “Viajamos: nosso intelecto atravessa as ciências como o corpo explora continentes e mares, um perambula, o outro aprende. Não há nada no intelecto se o corpo não rodou por aí afora, se o nariz nunca fremiu na rota das especiarias.” A viagem é o desenho de mapas pelo próprio movimento do corpo, que aprende na aventura da amplitude dos gostos possíveis: **sapiência e sagacidade**.

Mas nada mais sapiente, e saboroso, que o alimento preparado, aquele fundido pela ação do **fogo**, temperado, tornado outro da mistura dos frutos da terra. Para Serres (2001), é na passagem do cru para o cozido que reside o conhecimento. A sapiência reside neste meio de consagrar o alimento a ser saboreado. “O fogo funde mais coisas juntas” (SERRES, 2001, p. 168). O aroma do café tostado é que mexe com nosso corpo, eriça as narinas e nos faz desejar.

Que conhecimento é esse? É o do empirismo, daquele ligado aos sentidos, que a filosofia e a ciência trataram de enterrar. Segundo Serres, o corpo é o refúgio do empirismo, e ao mesmo tempo, sua morte, em tempos de alimentação sem degustação; em uma era de ingestão de alimentos que anestesiam os sentidos (excessivamente gelados, excessivamente temperados, massivamente indistintos),

o corpo se torna a morte do empirismo: **não há conhecimento no alimentar-se contemporâneo**.

O refúgio na linguagem é a morte do empirismo e, portanto, do corpo e do gosto.

**O gosto pode reavivar o empirismo, mas para isso, ele precisa da geografia.**

#### A GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIA HEDONISTA DA PAISAGEM

“O conhecimento claro e distinto apresenta um espaço ou o representa. O conhecimento confuso corre e volta ao longo de tempos fluentes. Presente, é claro, mas com passado recobrado, ele se lembra.” (SERRES, 2001, p. 170)

Serres toma o entendimento bergsoniano de espaço e tempo, associando o primeiro à clareza, à objetividade e à organização, e o segundo ao indistinto, ao movente, ao vivido. No entanto, na sua exploração dos sentidos, o autor encontra uma geografia pré-predicativa, uma geografia das formas terrestres, voltada para a paisagem.

A geografia de Serres é uma grafia movente do corpo. É a viagem corporal, que desenha mapas de sentidos, descortinando-se à medida que se mistura a outros corpos. É de uma experiência que se trata, mas não somente. Ou, dito de outra forma, é de uma experiência que não é subjetivista, nem realizada na/pela linguagem. **Ela o é no empirismo que serve de passagem à paisagem.**

Que paisagem é essa? Serres descortina uma paisagem como feição terrestre, repleta de lugares e acontecimentos, com limites, bordas, dobras e sombras.

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

A paisagem resolve as variações sobre a noção de variedade: delgada ou espessa, leve ou pesada, inerte, viva, sensível, social, atingindo os bordos comuns ou separados do ar e do subsolo, nas vizinhanças longínquas ou conectadas do coletivo e do contentamento individual. (SERRES, 2001, p. 170)

Estas são características próprias da paisagem, passando pelo tátil e sensível empirismo, costurada por fragmentos, resquícios, farrapos.

Mas seria a paisagem, o visível? Serres retoma sua cruzada contra a linguagem, e afirma: “A paisagem começa quando se cala toda a ciência exata ou humana.” (SERRES, 2001, p. 253). Segundo o filósofo, aprendemos desde cedo que a ciência torna visível o invisível. E todos já tivemos esta experiência quando, por exemplo, examinamos uma carta marítima ou de perfis geomorfológicos. No entanto, também aprendemos desde cedo que os sentidos nos enganam, o que produz, para Serres, o ocultamento do visível. Na fragmentação da análise da paisagem, o que desaparece é, exatamente, a paisagem. Expropriada dos atributos sensíveis, o que resta da paisagem? **Sua descrição no logos.**

Serres lembra que o método de constituição das paisagens não é o cartesiano: retilíneo, racional, direto. Mas é o método do rodeio, que circunscreve, cerceia, delinea, sem tocar. Errante e movente, a paisagem se faz como diferenciação (não há criação no espaço homogêneo), não orientada pelo logos, mas por rodeios de mil voltas e conexões. Não é um processo direto, mas é o encontro de rodeios que grafam a terra.

Este sentido de grafar a terra, como paisagem, aproxima-se do sentido de “escrita da terra”, apontado por Dardel (2011) como expressão da geograficidade. Em Serres (2001), vemos este mesmo sentido da paisagem como expressão de uma organicidade dos

elementos, na constituição de uma diferenciação, uma feição própria, que deve ser sentida, degustada, não definida.

A paisagem é “o rosto e a pele”: espessura sensível da terra (SERRES, 2001, p. 280). É paisagem, plena, tal como é delineada pelos paisanos, em seu viver movente sobre a paisagem, diferenciando-se radicalmente do saber oriundo da fragmentação racionalista da paisagem, nos diversos campos de estudo dela (geomorfologia, geologia, geografia urbana, geografia agrária, etc.). A paisagem dos paisanos é passagem para uma geografia plena; viva e movente, transformação mutante de singularidades.

Para degustar a paisagem, portanto, é necessário fazer calar as ciências duras, é necessária outra geografia, tal como afirma Serres.

Deram o nome de geógrafos aos que escrevem sobre a terra: a propósito dela, a seu respeito, somente, pois, nela, só os paisanos o fazem de verdade. Seria melhor chamar de geografia a escritura da terra sobre si mesma. Pois as coisas, resistentes, duras, agudas, elásticas, móveis, marcam-se, escavam-se, usam-se entre si. (SERRES, 2001, p. 281)

Esta geografia é uma geografia de circunstâncias, entendida como nós, encontros, pontos de conexão local-global, ou seja, centros em torno dos quais se dão os rodeios. Neste sentido, as circunstâncias, tantas, produzem um **lugar misturado**, centrado no corpo, que degusta, vê, ouve e toca. E fala. Mas fala como corpo, em seu movimento e deslocamento, não como logos descentrado.

O lugar é o ponto de chegada desta paisagem hedonista, paisagem circunstanciada (no sentido heideggeriano – HEIDEGGER, 2001), que é movida pelo prazer de uma sapiência pré-predicativa: **um saber de corpos misturados.**

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

### CORPO-HOMEM E O SABER HEDONISTA

Serres nos provoca, portanto, a pensar as possibilidades de um saber empírico, visceral, vivido pelos corpos, não como recipientes, mas como este todo orgânico que serve de passagem do dentro e do fora, dos sentidos que vão, vem e permanecem. Ele percorre a senda nietzschiana como poucos, desdobrando as possibilidades do pensamento irrequieto do filósofo alemão.

A geografia que se desenha a partir destes corpos misturados é uma geografia hedonista, para além do logos, que busca questioná-lo em seu trono. Ela radicaliza a centralidade do corpo-homem, tornando-o chave para a compreensão do ser-no-mundo e da própria experiência geográfica. Enquanto possibilidade, é potente em deslizar o sentido da razão para o prazer e as circunstâncias que permeiam a existência. Trata-se de uma experiência sinestésica, integrada e circunstaciada do mundo.

Dardel (2011, p. 39) expressa o papel de tal experiência quando afirma: "A percepção sinestésica nos franqueia o acesso a uma certa intimidade com a matéria geográfica." Para o autor, esta percepção estabelece uma ligação direta homem-mundo. Dar um passo atrás, portanto, em busca da compreensão mais completa das relações dos sentidos e do corpo como existência imediata é necessário para vislumbrar possibilidades de compreensão do sabor em uma epistemologia geográfica hedonista. Não no sentido de reduzir o corpo-homem à sua ânsia por preenchimento: antes, trata-se de não extirpar deste corpo-homem o seu sentido humano pleno, que não se reduz tão pouco à razão reguladora da linguagem.

O movimento do pré-predicativo para o sentido compartilhado histórica e culturalmente é fundamental para que a compreensão não seja superficial, despaisado em relação a esta ontologia.

Este corpo-homem presentifica os anseios de pensadores que enfrentam a simplificação inaceitável da vida feita pelo pensamento racionador e racionalista. Este corpo-homem, como carne e vontade reverbera a possibilidade de um pensamento vivificado, de ação intencional e de potência daquilo que nos é próprio enquanto humanos.

Se há nexos entre alimentação, corpo e cultura, estes certamente são mais potentes se forem sentidos do que despaisados em sua organicidade vivida na concretude da experiência geográfica. O gosto faz parte desta experiência, como conhecimento sensível corporificado, que desenha e compõe geografias. A experiência geográfica é imediata, como corpo-homem movente. ☉

### REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Da alma (de Anima)**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BRILLAT-SAVARIN, Jean Anthelme. **A fisiologia do gosto**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FOGEL, Gilvan. Corpo como realidade imediata. In: BARRENECHEA, Miguel A.; et. al. (orgs.) **Nietzsche e as ciências**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p.81-85.
- GRATÃO, Lúcia H.; MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor na, da e para a Geografia. **Geosul**, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: \_\_\_\_\_. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. (trad. Fausto Castilho) Campinas: Ed. da UNICAMP, 2012.

Saberes dos corpos alimentados: ensaio de geografia hedonista  
Eduardo Marandola Jr.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v.2, n.1, p.42-52, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. Michel Serres e os cinco sentidos na comunicação. **Novos Olhares**, n.16, p.5-19, 2º semestre de 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MONTEIRO, Ana C. L. Corpo-narrativa: considerações a partir de um corpo que dança. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v.6, n.2, São João del-Rei, p.189-195, agosto/dezembro 2011.

NIETZSCHE, Friederich. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friederich. **A gaia ciência**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2012.

ONFRAY, Michel. **A razão gulosa: filosofia do gosto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

RENTERÍA, Enrique R. **O sabor moderno: da Europa ao Rio de Janeiro na República Velha**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Submetido em Novembro de 2013.

Revisado em Janeiro de 2014.

Aceito em Fevereiro de 2014.